

Desmistificando o marxismo cultural

Demystifying cultural marxism

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

515

Rodolfo Alves de Macedo¹

Diante da polarização política vivenciada no país, uma das consequências deste momento foi terem sido trazidas à luz uma série de ideias sem qualquer tipo de fundamentação teórica ou evidências empíricas, bem como teorias conspiratórias como o “marxismo cultural”, o terraplanismo, o discurso anticiência e antivacina ou as notícias falsas sobre “ideologia de gênero” cujo único objetivo é fomentar o pânico moral na população, angariando adeptos na ala direitista do espectro político.

A expressão “marxismo cultural” ganhou maior projeção no Brasil quando das eleições presidenciais de 2018, e figura como “conceito” central no rol das teorias conspiratórias da extrema direita. No entanto, com uma simples busca do termo no YouTube, é possível encontrar uma série de vídeos tratando do tema até anos antes do período eleitoral supracitado, a partir de diferentes figuras expoentes da direita conservadora brasileira e criticados, com razão, pela esquerda. Ou seja, o principal recurso para divulgação do termo passou por vídeos em redes sociais, ao passo que a crítica se deu do mesmo modo, evidenciando uma nova forma pela qual o debate intelectual tem se colocado. E pelo que se pode observar, apesar de desde então o

¹ Mestrando em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Cultura e Educação pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso Brasil), Sociologia e Ensino de Sociologia pelo Claretiano Centro Universitário e Psicopedagogia Educacional pela Universidade Anhembi Morumbi. Graduado em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. <https://orcid.org/0000-0001-8013-3994>. E-mail: rodolfo.macedo95@gmail.com

Recebido em 17/09/2023

Aprovado em 06/10/2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



termo ter começado a perder parte dessa projeção, ainda pode ser encontrado no discurso político destes representantes.

Mesmo que críticas já tenham sido tecidas com o objetivo de combater teorias da conspiração, como a obra *Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota*, escrita por Ana Lesnovski e Álvaro Borba sob pseudônimo (METEORO BRASIL, 2019), o campo intelectual carecia de uma obra que pudesse sistematizar a crítica à teoria conspiratória do marxismo cultural para além daquelas feitas em vídeos como respostas. Contribuindo para isso, a editora Expressão Popular publicou em 2020 a obra em formato de folheto *Dialética do marxismo cultural*, da filósofa marxista brasileira Iná Camargo Costa. A autora é graduada, mestre e doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), onde também atuou como professora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Suas pesquisas são dedicadas à relação entre teatro e política.

O folheto em questão é formado por uma apresentação dos editores, e dividido em três capítulos sem títulos e uma conclusão intitulada “Fim do primeiro tempo”. É necessário pontuar que os textos que constituem a obra aqui resenhada já haviam sido publicados por Costa em outubro de 2019 no jornal *Outras Palavras*.² Logo, trata-se de um esforço de compilação e sistematização das ideias da autora sobre tal tema, formando esta diminuta coletânea de apenas 69 páginas.

No capítulo I, Costa resgata a história do termo marxismo cultural, encontrando suas raízes na obra *Mein Kampf*, de Hitler, e no termo nazista “bolchevismo cultural”. “O livro [*Mein Kampf*] é uma declaração de guerra ao marxismo e à sua expressão cultural máxima que seria o bolchevismo” (COSTA, 2020, p. 16). O termo bolchevismo cultural, também referido como “arte bolchevique” ou “música bolchevique”, trata-se de um termo propagandista disseminado pelos nazistas durante as décadas de 1920 e 1930 como crítica aos movimentos modernistas nas artes, fundindo o Modernismo à revolução soviética a partir de uma visão de que ocorria uma degeneração na arte e na cultura. O judaísmo e o marxismo aparecem então como as duas maiores ameaças ao povo alemão, pois seriam maléficos e estariam planejando a decadência da civilização; senso assim, a meta nazista seria sua aniquilação. Logo, sob a acusação de serem subversivos, artistas e intelectuais foram perseguidos; “[...] o nazismo efetivamente

² Os capítulos I, II e III referem-se à reprodução dos artigos “Marxismo cultural, um fantasma que ronda a História”, “O Marxismo Cultural e a paranoia americana” e “Marxismo cultural, hora de um resgate”, respectivamente.

desencadeou a mais vasta guerra de que se tem notícia contra todas as manifestações culturais que rotulou de *bolchevismo cultural* ou *arte degenerada*” (COSTA, 2020, p. 24).

No capítulo II, Costa inicia com dois momentos da história americana marcados pelo *red scare*, ou “ameaça vermelha” (períodos de forte desenvolvimento de um anticomunismo): o primeiro em 1917 e o segundo a partir do *macartismo*. Avançando para os Estados Unidos da década de 1990, o fantasma do bolchevismo cultural ganhou nova vida sob o termo “marxismo cultural”, cuja fonte da ideia se encontra no artigo intitulado *The New Dark Age: The Frankfurt School and ‘political correctness’*³, publicado em 1992 por Michael J. Minnicino. Ainda que o termo “marxismo cultural” não seja encontrado no texto, nele, Minnicino acusa a Escola de Frankfurt e seus pensadores de articularem uma conspiração marxista com o objetivo de subverter a cultura ocidental e a civilização judaico-cristã, ideia central da teoria conspiracionista. Além do ensaio de Minnicino, outra referência principal citada por Costa trata-se de Patrick Buchanan, autor do livro *The Death of the West* [A morte do ocidente]. Em resumo, a tese central destes teóricos reacionários é a de que os ditos “males” da cultura ocidental – feminismo, direitos LGBT, ambientalismo, entre outros – seriam todos influências maléficas dos pensadores da Escola de Frankfurt. Em outras palavras, o marxismo cultural supostamente difundido pela Escola de Frankfurt seria a subversão dos valores tradicionais da cultura ocidental.

A partir desta reencarnação do bolchevismo cultural com nova roupagem, figuras da extrema-direita, como cristãos fundamentalistas e ultraconservadores, foram responsáveis pela sua disseminação em solo estadunidense. Como afirmamos acima, a teoria conspiracionista em questão tem sido difundida em solo brasileiro há muitos anos, especialmente pela figura obscurantista do falecido escritor e mentor intelectual da extrema-direita brasileira Olavo de Carvalho, responsável pela importação do termo que mais tarde foi utilizado na campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018.

Entre avanços e regressos das lutas políticas no campo cultural, faz-se necessário que o campo progressista operacionalize determinadas ferramentas de combate. Como filósofa de orientação marxista, no capítulo III, Costa (2020, p. 45) nos aponta para “[...] o próprio marxismo como elemento central para nos dar régua e compasso”. Isto é, encontrar no

³ O artigo original em inglês pode ser encontrado online. Para a tradução em português brasileiro realizada por Cássia Zanon, ver: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/48384/27348>. Acesso em: 17 set. 2023.

marxismo tão recorrentemente atacado os elementos para a luta política que está posta e formar uma linha de frente com verdadeiros “marxistas culturais”, ou seja, intelectuais marxistas que pensaram a cultura. Textos de autores clássicos, como Marx e Engels, Trotsky e Gramsci devem ser relidos, bem como vertentes mais modernas como a Escola de Frankfurt, como a obra *O eclipse de razão* de Horkheimer e o capítulo intitulado “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas” da obra *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer, o marxismo ocidental de Perry Anderson ou o materialismo cultural de Raymond Williams. Costa (2020, pp. 50-51) afirma que

[...] o campo prioritário de atuação dos marxistas culturais vem a ser a esfera da cultura pautada pela luta de classes em todos os seus desdobramentos, e seu olhar deve estar direcionado *preferencialmente* para os artistas e obras que, ao longo da história do capitalismo, tematizaram as lutas pela emancipação dos trabalhadores [...].

Logo, sugere neste capítulo e em sua conclusão uma série de referências intelectuais no Brasil e das Américas que podem ser usadas para encampar uma frente mais progressista no âmbito da cultura.

De maneira geral, conclui-se que Iná Camargo Costa consegue destrinchar aquilo que está por trás da teoria conspiratória do marxismo cultural: o fantasma do bolchevismo cultural e suas raízes nazistas, além de sua nova roupagem e nova alcunha. Essa retomada histórica das condições sociais e políticas que possibilitaram a criação do termo “bolchevismo cultural” é fundamental para a compreensão daquilo que está na raiz da teoria conspiratória que partiu da extrema direita estadunidense nos anos de 1990, se alastrou pelas redes sociais na década de 2010 e hoje se encontra no discurso político da extrema direita brasileira. No que tange seu conteúdo, a obra não traz grandes novidades acerca do marxismo cultural, apesar de ser ligeiramente mais aprofundada do que outros materiais disponíveis na internet, além de trazer sugestões relevantes da autora.

Não aceitando a definição de “marxismo cultural” estabelecida pela extrema direita, Costa caminha para uma ressignificação do termo que, segundo ela, “pode muito bem servir de senha para nos voltarmos ao que realmente interessa no plano cultural” (COSTA, 2020, p. 52). Portanto, Costa procura se apropriar e ressignificar a teoria conspiratória para propor um outro marxismo cultural: um marxismo que atue na luta de classe no campo da cultura. Entretanto, acreditamos que tal atitude de apropriação e ressignificação é questionável, devido ao vocábulo, em seu uso corrente, já estar tradicionalmente associado a teorias conspiratórias e a figuras obscurantistas no Brasil e no mundo, devendo, por isso mesmo, ser rejeitado.

Tendo formato de folheto, uma linguagem acessível, e pelo seu teor crítico, a obra *Dialética do marxismo cultural* pode ser lida não somente por aqueles que estão inseridos no campo acadêmico, mas por aqueles que estão, de alguma forma, envolvidos nos embates políticos em torno da cultura no mundo contemporâneo.

Referências

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

METEORO BRASIL. **Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.